

O DESENVOLVIMENTO DO ENSINO DE FILOSOFIA EM RELAÇÃO COM O PODER DISCIPLINAR: APONTES DO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT

The development of philosophy teaching in relation to disciplinary power: Michel Foucault's thoughts

Tales Macêdo da Silva¹
José Gabriel Rolim Freitas²

Resumo: O presente artigo tem como ponto central analisar, com base nos trabalhos de Michel Foucault, a respeito do Poder Disciplinar em sua atuação na área educacional, especificamente, no Ensino de Filosofia, cujo objetivo é especular sobre o referido poder, presente nas instituições de ensino. Para tratar dessa questão, que envolve o Poder Disciplinar no desenvolvimento no Ensino de Filosofia, será utilizada a metodologia da pesquisa direta bibliográfica. Nossa trabalho será desenvolvido em dois momento singulares (i) a ideia geral sobre o poder no filósofo Michel Foucault e, posteriormente, (ii) pensar o desenvolvimento do Poder Disciplinar em relação com a Educação e, consequentemente, o Ensino de Filosofia. Esse caminho acredita-se que chegará a uma compreensão do Poder Disciplinar dentro do Ensino de Filosofia, trazendo elementos e questões que contribuam na construção do sujeito pensante, seja em sua vida individual ou uma vida social, e que esse indivíduo possa transformar a sociedade.

Palavras-chave: Disciplina, Educação, Filosofia, Poder.

Abstract: This article has as its central point to analyze, based on the works of Michel Foucault, regarding the Disciplinary Power in its performance in the educational area, specifically, in the Teaching of Philosophy, whose objective is to speculate about that power, present in educational institutions. To address this issue, which involves the Disciplinary Power in the development of Philosophy Teaching, the methodology of direct bibliographic research will be used. Our work will be developed in two singular moments (i) the general idea about power in the philosopher Michel Foucault and, later, (ii) think about the development of Disciplinary Power in relation to Education and, consequently, the Teaching of Philosophy. This path is believed to reach an understanding of Disciplinary Power within the Teaching of Philosophy, bringing elements and issues that contribute to the construction of the thinking subject, whether in his individual life or a social life, and that this individual can transform society.

Keywords: Discipline, Education, Philosophy, Power.

Introdução

O presente artigo tem como ponto central analisar, com base nos trabalhos de Michel Foucault, a respeito do Poder Disciplinar em sua atuação na área educacional, especificamente, no Ensino de Filosofia, cujo objetivo é especular sobre o referido poder,

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará - UFC na linha de pesquisa Filosofia da Linguagem e do Conhecimento. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE na linha de pesquisa Hermenêutica e Fenomenologia. Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Professor de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP e membro (participante) da SOBRESKI (Sociedade Brasileira de Estudos sobre Kierkegaard).

² Graduado em Licenciatura Plena e Bacharelado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI) e especializando em Formação Docente para EAD pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).

presente nas instituições de ensino. Para tratar dessa questão, que envolve o Poder Disciplinador no desenvolvimento no Ensino de Filosofia, será utilizada a metodologia da pesquisa direta bibliográfica.

Neste artigo, a questão do Poder Disciplinar no Ensino de Filosofia será abordada em três etapas. No primeiro momento, tratará acerca da compreensão da ideia geral de Poder, segundo o pensamento de Michel Foucault. Na segunda parte, discorrerá sobre a atuação do Poder Disciplinar no ambiente educacional. Na terceira fase, investigará o envolvimento do Poder Disciplinar, de modo que ele contribuirá no desenvolvimento no Ensino de Filosofia.

Portanto, a proposta desse artigo trata-se de uma tentativa de evidenciar a existência do Poder Disciplinar presente na Educação e a sua manifestação no Ensino de Filosofia, e sua relevante contribuição para o desenvolvimento desta disciplina.

A manifestação do poder disciplinar no ensino de filosofia

O poder em Michel Foucault

Michel Foucault (1926-1984) é conhecido por suas teorias acerca da relação entre poder e conhecimento, presentes, sobretudo, nas publicações de *Vigiar e Punir* (1975), da *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (1976) e da *Microfísica do Poder* (1979), nas quais esses elementos se destacam em suas obras evidenciadas que, por sua vez, são aplicados no controle social através das instituições. Por isso, Foucault se interessa pelo poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na articulação entre o poder e o conhecimento.

Pensando na questão do Poder, Foucault em *Microfísica do Poder* declara que:

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do poder [...].³

Para Foucault não há uma teoria do poder, enquanto um conceito geral, como também não era sua pretensão fundar uma. Assim, em oposição à teoria, ele propõe a criação de uma nova metodologia de estudo acerca do poder, na qual é conhecida por “analítica do poder”.

Ainda a respeito da temática do Poder, é relevante observar, como ponto de partida, o que afirma Roberto Machado, ao dizer que a

Questão do poder não é o mais velho desafio formulado pelas análises de Foucault. Surgiu em determinado momento de suas pesquisas, assinalando uma reformulação de objetivos teóricos e políticos que, se não estavam ausentes dos primeiros livros, ao menos não eram explicitamente colocados, complementando o exercício de uma arqueologia do saber pelo projeto de uma genealogia do poder.⁴

³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979, p. 248

⁴ MACHADO, Roberto. “Por uma Genealogia do Poder?”. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. VII.

Nessa visão, Machado sinaliza que a ideia desse novo método de estudo foucaultiano já estava presente em trabalhos anteriores da investigação acerca do Poder em Foucault.

Para isso, tal investigação sobre o poder não se intervém somente nos mecanismos de formação, direção e modificação do comportamento humano, mas vai além dessas atividades. Serão, pois, desenhados os fins nos quais deverão fundamentar a relação entre a ação e a inércia dos indivíduos.

Com isso, Foucault não trata, portanto, o poder como uma entidade estável, coerente ou como uma unidade, mas em termos de “relações de poder”. Isto é, não existe em suas obras algo que se possa chamar de uma teoria geral do poder. Por isso, ele pensa nas modalidades do poder ou na emergência das suas diversas formas de exercício e de instituições em diferentes momentos históricos que possibilitam uma identificação do poder⁵ em ato.

Posto isso, essas constatações, certamente, encontram respaldo na transcrição precedente, dando força ao argumento de que não existe “algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente”⁶. Ou seja, ao mesmo tempo em que pode estar associado a práticas de dominação, o poder também “conota uma dimensão humana sempre criativa e, portanto, indefinível”⁷.

Na concepção do filósofo francês, o poder não está localizado em uma instituição, e nem tampouco como algo que se cede, por contratos jurídicos ou políticos. O poder, para ele, não só reprime, mas também produz efeitos de saber e verdade. Foucault declara:

Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos (...) Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício.⁸

Nessa visão foucaultiana, o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona em rede e que, portanto, deve ser entendido antes como uma tática, manobra ou estratégia do que uma coisa, um objeto ou bem. Por isso, em *Vigiar e Punir*, ele afirma que:

Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma ‘apropriação’, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que se seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou uma conquista que se apodera de um domínio. Temos, em suma, de admitir que esse poder se exerce mais do que se possui, que

⁵ É o caso de exemplos como o Micropoder, o Poder Soberano, o Biopoder, o Poder Psiquiátrico, a Governabilidade, o Poder Disciplinar, dentre outros que Michel Foucault registrou em seus estudos sobre o Poder.

⁶ MACHADO, Roberto. “Por uma Genealogia do Poder”. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. X.

⁷ BARTOLOMÉ RUIZ, Castor Mari Martín. *EL Poder de Los Desposeídos*. Madri: Nueva Utopia. 2000, p. 9-11.

⁸ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979, p. 182.

não é ‘privilégio’ adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados.⁹

Nessa perspectiva, o que Foucault procurou fazer em *Vigiar e Punir* (com o estudo das instituições carcerárias) e em *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* (a partir do estudo da constituição da sexualidade) é justamente mostrar que é um equívoco procurar qualificar o poder como fundamentalmente repressivo, que diz “não”, que castiga, que impõe limites, dentre outros. Ele acrescenta uma concepção positiva do poder, que justamente tem por objetivo compreender o poder livre (liberdade) em relação à dominação e à repressão.

Com isso, o poder entendido como uma matriz geral de forças, em determinado contexto histórico, traduz a ideia de que a proposta de análise foucaultiana pretende debruçar-se sobre a sociedade determinada, em um momento histórico específico, levando em conta operações peculiares de disciplina e vigilância realizadas no interior de uma instituição específica como, por exemplo, aquelas desenvolvidas no perímetro de funcionamento de um presídio, por meio de processos de adestramentos, obediência, punições, etc. Em outras palavras, essa localização é a premissa para que possamos construir algo como uma analítica do poder.

A relação entre o poder disciplinar e a educação

A palavra Educação vem do latim *Educationem* e significa, etimologicamente, criação, alimento, sustento. De modo geral, entende-se por Educação como um conjunto de métodos, recursos e técnicas desenvolvidas com o objetivo de garantir o sucesso de aprendizagem dos indivíduos (pedagogia) e aquisição de conhecimentos e aptidões (instrução), cujo processo visa à produção e ao desenvolvimento integral (intelectual, físico, moral, etc) do indivíduo e na sua adequada integração na sociedade.

Através de fatores como a Educação, é que há construção da sociedade para o auxílio na busca pela sua constante manutenção e estabilidade para a sociedade e os indivíduos que vivem nela. Para isso, ao longo da história humana, haverá várias formas de explicar as questões bastante trabalhadas na Pedagogia, como a metodologia de ensino por exemplo.

Em outras palavras, a Educação pode ser considerada como processo contínuo em que o ser humano desenvolve, aperfeiçoa e vai adquirindo potencialidades. Ou seja, é um processo continuado de construção em que a pessoa realiza sua humanidade. Compreende-se, então, que a educação é um produto social do homem. Por isso, é muito íntima a relação entre educação e sociedade. Segundo Severino,

Ocorre uma pulsação entre o jogo de forças que constitui a sociedade e o jogo de forças que se concretizam na educação, de tal modo que, de um lado, a forma desta se organizar reflete e reproduz integralmente a forma de estruturação da sociedade; mas, de outro lado, o processo de atuação especificadamente educacional pode ter efeitos desestruturadores sobre a sociedade, sendo então fator de mudança social.¹⁰

Nesse sentido, significa dizer que a Educação é uma prática social e histórica concreta e, intrinsecamente, associada ao próprio processo de construção do ser humano e do mundo humano, podendo, inclusive, instrumentalmente, concretizar-se, favorecendo a

⁹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1975, p. 29

¹⁰ MATOS, Junot Cornélio. *Educação e Filosofia: por um diálogo interdisciplinar*. In: MATOS, Junot Cornélio. *Dialogação: Filosofia da Educação*. Curitiba: Editora Crv, 2015. p. 17

desintegração ou integração do ser humano na sociedade, segundo os interesses em jogo. Neste sentido, a Educação é uma prática política.

Além disso, há algo que se encontra na formação do indivíduo, enquanto entidade política (cidadão), e está profundamente ligado diretamente à Educação, é a questão da disciplina. Diante das muitas formas de manifestações do Poder¹¹, destacadas nos estudos de Michel Foucault, existe uma forma de poder bastante utilizada em diversas instituições na sociedade, como no caso das instituições de ensino (escolas). Trata-se do *poder disciplinar* ou *poder disciplinador*.

Foi, principalmente, em *Vigiar e Punir* e nos cursos que ministrou no Collège de France, nos anos de 1970, que Foucault mostrou como surgiram, a partir do século XVII, técnicas de poder que, centradas no corpo dos indivíduos, causaram resultados profundos e duradouros no âmbito macropolítico¹². Tais técnicas de poder são chamadas por Foucault de disciplinas.

A disciplina, por sua vez, é uma técnica, um mecanismo, um dispositivo de poder, tudo isso se trata de “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade”¹³. Como se pode perceber, as disciplinas trabalham diretamente o corpo dos indivíduos, manipulam seus gestos e comportamentos, formam-no, adestram-no. Trata-se de um poder invisível que permite ver tudo permanentemente sem ser visto, e que tem no Panopticon¹⁴ de Bentham seu modelo basilar.

Ainda em *Vigiar e Punir*, Foucault enfatiza a reforma do sistema penal, quando, modificando a velha prática de enclausuramento, decidiram implantá-la. Ele afirma que a prisão e a punição não são apenas um conjunto de mecanismos repressivos, isto é, “castigar”, mas, vai muito além desse sentido, ou seja, trata-se de uma função social complexa e por esse motivo deve ser abordada de forma muito mais profunda, visando à construção de um sujeito que se adeque a sociedade. Para isso, o indivíduo se sujeita a um processo de adestramento que usa o corpo como instrumento desse processo. Ou seja, tendo no corpo seu principal alvo, Foucault descreve as suas relações de complexidade e sua produção, seu sistema histórico de articulações, sua genealogia, e esse domínio do corpo a princípio e, mais tarde, da própria alma do criminoso ele descreve como o surgimento da “Sociedade Disciplinar”: caracterizada como um modelo de controlar o tempo, de vigiar e registrar continuamente o indivíduo e sua conduta; esta “sociedade” deu lugar ao nascimento de saberes, onde o modelo prioritário de estabelecimento da verdade é o “exame”, onde a sujeição não se faz apenas na forma negativa da repressão, mas no modo mais sutil do adestramento, da produção positiva de comportamentos que definem o indivíduo.

A disciplina, enquanto um dispositivo estratégico de saber-poder, na concepção foucaultiana, resulta de um conjunto de fatores bastante complexos. Provavelmente, inicia-se como forma e técnica no Exército. Nessa instituição, possibilitou um deslocamento na maneira de se pensar o soldado. Se antes, buscavam-se indivíduos com tipologia física e moral já dadas naturalmente para ser soldado, com a mudança na compreensão do corpo, propiciada pelo disciplinamento, resultante de treino metódico, exercícios contínuos, minuciosamente calculados, fizeram com que se compreendesse que o soldado pode ser “fabricado”. Com isso, o corpo despontou como lugar para exercer-se o poder. Tal modelo

¹¹ Originadas nas relações de poder entre os indivíduos da sociedade.

¹² Principalmente no que diz respeito à consolidação do Estado liberal, que é o estado moderno.

¹³ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1975, p. 129.

¹⁴ Modelo arquitetônico de prisão criado por Jeremy Bentham (por volta do século XVIII), referindo a uma estrutura circular de uma penitenciária ideal na qual existiria uma torre no meio com o vigilante. O vigilante poderia observar todos os presos individualmente no meio. Para Bentham, o Panopticon era considerado o modelo ideal e eficiente de vigilância, pois uma pessoa poderia ver tudo o que está acontecendo em volta da torre, dificultando a visibilidade dos presos em relação à torre.

de adestramento para a formação militar, exigindo disciplina e treinamento, foi transferido para as escolas. Na educação escolar, por sua vez, a disciplina foi um dispositivo estratégico de poder eficaz na produção de pessoas dóceis politicamente, obedientes, submissas e produtivas economicamente, ordeiras, trabalhadoras. Lembrando ainda sobre a disciplina, para Foucault, o poder não se trata de exclusão, repressão ou censura, e sim na produção da realidade.

Nesse sentido, o dispositivo de poder não pertence a ninguém, uma vez que ele circula e faz funcionar a “maquinaria social”. Desse modo, um professor de Ensino Médio, atuado e atuando pelo dispositivo da disciplina, empenha todas as suas forças para disciplinar seus alunos, tornando-os dóceis e úteis para a exploração política, moral e econômica na sociedade. É nesse sentido que Foucault pesquisa os micropoderes, e percebe que o poder, muito antes de ser apenas repressão, é produtivo; possui, em seu âmago, positivities políticas e econômicas. No sistema escolar, por exemplo, produz modelos de submissão e obediência que, com outros meios, dificilmente seriam alcançados.

Por exemplo, numa aplicação de uma prática pedagógica cuja tendência pedagógica é mista, em uma instituição de ensino, usa-se o dispositivo de poder para disciplinar os alunos, tornando-os cidadãos atenciosos, responsáveis, obedientes e subalternos. Ilustra esse pensamento foucaultiano, quando um professor demonstra domínio dos conteúdos, transmitindo conhecer as teorias pedagógicas, levando em conta o psicológico da faixa etária dos alunos e, em sala de aula, assume uma variedade de papéis no desenvolvimento de suas atividades, além de transmissor de conhecimento, exerce outros papéis como o de facilitador, amigo e conselheiro (orientando, conversando e aconselhando alunos sobre atividades escolares, problemas), assistente social (trabalhando com problemas familiares), avaliador (agendando trabalhos dos alunos, aplicando provas, escrevendo relatórios). Em casos de indisciplinas na sala de aula, ele reage de forma enérgica sem perder a postura pedagógica.

No caso da disciplina específica de Filosofia, aplica-se uma metodologia de ensino também de cunho disciplinador, cuja aplicação, além de adotar o princípio do poder disciplinar, enquanto processo de adestramento, há ações educativas que fomentam uma postura pensante e crítica em relação à vida individual e social. De forma que os profissionais da educação utilizem os mecanismos de apoio necessários ao processo de formação escolar.

O poder disciplinar no desenvolvimento do ensino de filosofia

A Filosofia, mesmo se tratando de disciplina reflexiva e teórica, levanta questões e discursões relacionadas ao longo da complexidade da vida e contexto humano. A Filosofia estuda a sua história, correntes, metodologias e os seus campos de estudos (Política, Ética, Epistemologia, Fenomenologia, dentre outras).

A aplicação ou o interesse filosófico se direciona não somente ao entendimento do ser humano e do mundo, mas também à educação deste ser humano que se relaciona com o mundo. Assim sendo, a prática educacional, por sua vez, contempla uma visão do ser humano e do mundo e, daí, inclui uma posição filosófica definida, mesmo que tal posição nem sempre seja objeto da consciência dos atores envolvidos no processo educativo. Não se pode negar, portanto, as íntimas relações que se estabelecem entre Filosofia e Educação. Portanto, como a Filosofia, a Educação também não possui um conceito universal, posto que os princípios sobre os quais estes conceitos se apoiam se modificam conforme o tempo, lugar e circunstâncias, apresentando variáveis concepções políticas e ideológicas do tempo em que se está sendo pensado.

Sendo assim, é ratificado que a Filosofia e a Educação possuem mais afinidades do que se imagina. Desse modo, quando o tema é a Filosofia e o campo é a Educação, o objetivo é investigar a possibilidade e realização de uma educação reflexiva emancipatória. Trata-se

de uma educação comprometida com a construção crítica e racional do sujeito pensante, visando o alcance de uma autonomia cujo objeto é o exercício da liberdade do pensar.

Dessa forma, pautado na Filosofia, há contribuições relevantes para a formação da sociedade, criando condições para a construção de sujeitos, enquanto pessoa estruturalmente pensante, no sentido de que essa disciplina caracteriza a Educação de ser de natureza questionadora sobre as certezas prontas ou novas no universo educacional, e também de uma reflexão acerca dos fenômenos sociais que constituem a sociedade.

No que tange ao prisma foucaultiano, todos os indivíduos são detentores do poder, isto é, são capazes de exercer o poder numa relação entre eles. Desse modo, somos habilitados a sermos disciplinados em um sistema que conduz o indivíduo sob a normatividade existente em seu mundo. Isso nos leva a entender que é pela disciplina que as relações de poder se tornam mais facilmente observáveis, pois é por meio da disciplina, que estabelecem as relações: opressor-oprimido, mandante-mandatário, persuasivo-persuadido, e tantas quantas forem as relações que expressem comando e comandados.

Sendo assim, a disciplina não é uma instituição, nem um aparelho de Estado. Trata-se de uma técnica de poder que funciona como uma rede que vai atravessar todas as instituições e aparelhos de Estado. Este instrumento de poder que atua no corpo dos seres humanos usará a punição e a vigilância como principais mecanismos para adestrar e docilizar o sujeito, pois é a partir deles que o ser humano se adequará às normas estabelecidas nas instituições como um processo de produção que, a partir de uma “tecnologia” disciplinar do corpo, construirá um sujeito com utilidade e docilidade. Dessa forma, a instituição de ensino prepara o aluno (instruindo-o) para esse novo tipo de organização de espaço e da ação humana, ou seja, sobre a influência do corpo.

Em relação entre poder e disciplina, declara Deleuze que “as relações de poder são relações diferenciais que determinam singularidades (afetos)”¹⁵. Nesse sentido, a questão do “saber” está intimamente relacionada à do “poder”: o poder exercido pelo professor é uma função de seu saber e vice-versa, ao se referir às instituições de ensino em geral, onde se encontram muitos dos elementos estruturais que Foucault identifica a questão do poder disciplinar, visando à produção de seres dóceis e úteis.

Reportando-se à questão do desenvolvimento da Filosofia com a Educação, isto é, ao Ensino de Filosofia, pode-se afirmar que o poder disciplinar, além de estar presente na Educação, constata sua contribuição efetiva para o Ensino de Filosofia.

Para isso, é necessário que um país com um regime democrático de direito, tenda-se a investir em seu povo, visando uma sociedade próspera e saudável. Por isso, é comum que o governo propague as tendências de seu regime democrático ao povo, através de várias plataformas, utilizando ferramentas das mais variáveis, para que possa contribuir na formação do povo, em vista da realização dessa sociedade justa.

Pautado na relação entre “poder” e Educação, nota-se a manifestação das mais variadas metodologias e técnicas aplicadas na prática educacional com uma conotação negativa (repressiva, autoritária, manipuladora) de cunho foucaultiano. Porém, há também uma perspectiva positiva presente nessa relação que contribui para esse processo pedagógico que, por sua vez, tende consolidar a formação do indivíduo, construindo uma organização espacial e humana. Para isso, utiliza-se saberes filosóficos (investigação da possibilidade e realização de uma educação reflexiva), para serem aplicados com liberdade, consciência e responsabilidade, a fim de que haja transformações do indivíduo, pois o processo educacional implica mudanças.

À guisa de conclusão

¹⁵ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução Cláudia Sant'Anna Martins. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 83

Esta investigação, no presente artigo, tratou-se de questões conceituais do Poder Disciplinar na área da Educação com base nos trabalhos de Michel Foucault a respeito do Poder, no sentido de direcionar o Poder Disciplinar na atuação na área educacional, especificamente, no Ensino de Filosofia, cujo objetivo é especular sobre o Poder Disciplinar presente nas instituições de ensino. Para isso, três etapas foram delimitadas para desenvolver a investigação.

Notou-se que, embora Foucault trate, não especificamente, de uma teoria geral do Poder, mas através de sua metodologia de estudo (“analítica do poder”), ele aborda nas modalidades do Poder ou na emergência das suas diversas formas de exercício e de instituições em diferentes momentos históricos que possibilitam uma identificação do poder em ato. Desse modo, com esse método, Foucault conclui que, na verdade, o que realmente existe é uma rede de conexões entre os indivíduos, na qual ele chama de “relações de poder”.

Foi constatada efetivamente a existência da manifestação do Poder Disciplinar inserido no ambiente educacional. Tal manifestação consiste numa relação entre “Poder” e Educação, não apenas assume uma conotação negativa (repressiva), mas também há tendências positivas presentes nessa relação que contribui para esse processo educacional que proporciona uma consolidação na formação do indivíduo, construindo uma organização espacial e humana. Para isso, utilizam-se saberes filosóficos com liberdade, consciência e responsabilidade.

Assim sendo, o emprego do poder é importante conciliar, agregar interesses e desafios num ambiente educacional e interativo entre educadores, alunos e o mundo. Trata-se, pois, de um referencial para o aprendizado de competências, definindo-o sua linguagem, função, contribuição e relação entre “poder” e “saber” com a Filosofia.

Referências

BARTOLOMÉ RUIZ, Castor Mari Martin. *EL Poder de Los Desposeídos*. Madri: Nueva Utopia. 2000.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. Tradução Claudia Sant'Anna Martins.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

MACHADO, Roberto. “Por uma Genealogia do Poder”. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MATOS, Junot Cornélio. *Educação e Filosofia: por um diálogo interdisciplinar*. In: MATOS, Junot Cornélio. **Dialogação: Filosofia da Educação**. Curitiba: Editora Crv, 2015. p. 11-26.